

# POLÍTICA MONETÁRIA

Previsão de inflação piora e instituições financeiras não chegam a consenso sobre o que o Banco Central vai fazer com os juros. Apostas variam de estabilidade a um ajuste para 19,5% ao ano

*Economia Brasil*

# Mercado dividido

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) começa a sua reunião mensal hoje num clima de deterioração das expectativas de inflação, o que pode reforçar a possibilidade de mais um aumento na taxa básica de juros, a Selic. Ainda assim, os analistas de mercado não chegaram a um consenso quanto à decisão do Copom, que será anunciada amanhã à noite. A maior parte das cem instituições financeiras ouvidas semanalmente pelo BC acredita que a Selic será mantida em 19,25% ao ano, mas as cinco que mais acertam as estimativas apostam numa elevação de 0,25 ponto percentual, o que elevaria a taxa para 19,5%.

Se de fato aumentar os juros, este será o oitavo mês consecutivo de alta na Selic, movimento iniciado em setembro do ano passado com o objetivo de conter a inflação. A meta para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) neste ano é de 4,5%, com um intervalo de tolerância de 2,5 pontos percentuais, o que passa o teto a 7%. O BC, entretanto, já disse que está mirando em 5,1% e que projeta o índice em 5,5% no ano. "O governo já afirmou categoricamente que não vai abrir mão da meta. Mas, na verdade, vai ficar contente se o IPCA ficar em 5,5%", afirma o economista-chefe do BNP Paribas, Alexandre Lintz.

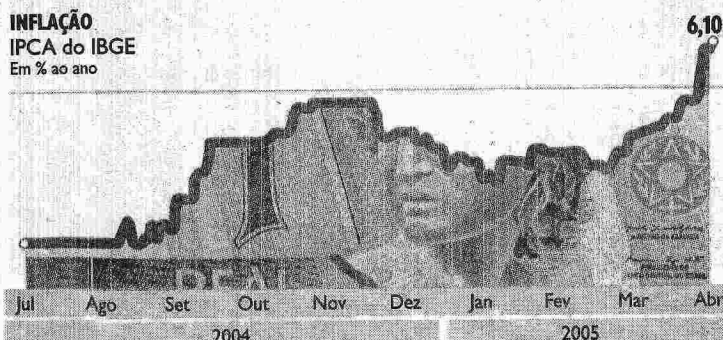
As projeções de inflação dos analistas pioraram pela sétima semana consecutiva, de acordo com o relatório divulgado ontem. A previsão de IPCA passou de 6,04% para 6,10% nesta semana, nível bem acima dos 5,77% verificados às vésperas da reunião do Copom do mês passado, que aumentou a Selic em 0,5 ponto. As projeções para os outros índices também cresceram. A do IPC da Fipe, por exemplo, passou de 5,81% para 5,88%. Os índices gerais de preços, que medem a inflação também no atacado, foram igualmente afetados. A previsão do IGP-DI subiu de 6,73% para 6,88%, e a do IGP-M, de 6,73% para 6,79%.

Lintz acredita que o BC vai elevar a Selic em 0,25 ponto per-

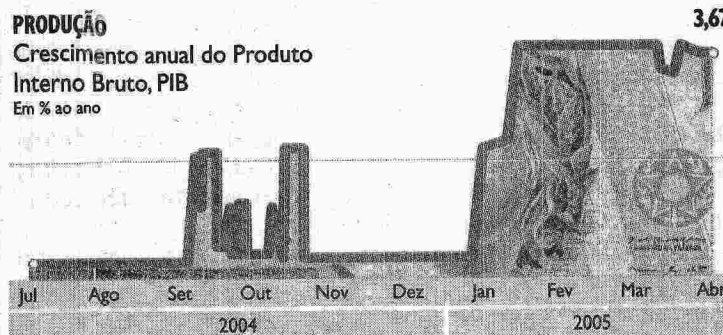
## AS PREVISÕES

Projeções das instituições financeiras mais importantes do país para este ano, de julho de 2004 a abril de 2005, segundo pesquisa feita pelo Banco Central

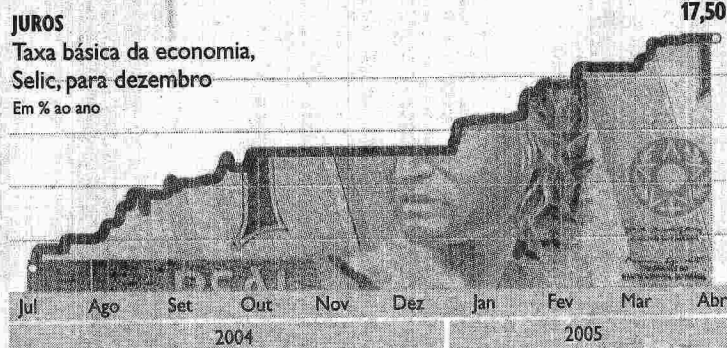
**INFLAÇÃO**  
IPCA do IBGE  
Em % ao ano



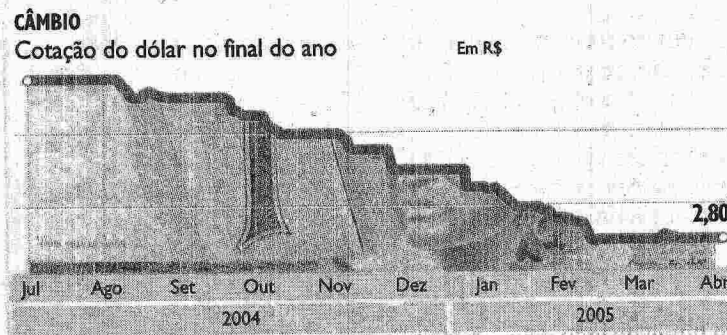
**PRODUÇÃO**  
Crescimento anual do Produto Interno Bruto, PIB  
Em % ao ano



**JUROS**  
Taxa básica da economia, Selic, para dezembro  
Em % ao ano



**CÂMBIO**  
Cotação do dólar no final do ano  
Em R\$



tual para dar um sinal claro de que está comprometido com a meta, demonstrando, ao mesmo tempo, que o ciclo de altas de juros está perto do final. "O BC não deve decidir pela manutenção da taxa porque a expectativa dos analistas para a inflação ainda está alta, principalmente por causa dos preços administrados pelo governo, como transporte público e energia elétrica. Por outro lado, uma elevação de 0,5 ponto seria forte demais e teria um impacto grande na taxa real de juros e nas contas do governo", avalia.

### Metas

O economista do BNP Paribas acredita que o Copom vai levar em conta o fato de que o ritmo de crescimento tanto da atividade econômica interna como da externa está refluindo, o que reduz as pressões inflacionárias. Para Lintz, a Selic em 19,5% é suficiente para fazer a inflação convergir para as metas do governo até o ano que vem. "Neste ano, certamente vamos ficar abaixo do teto. O BC já está olhando 2006. A situação vai melhorar a partir do segundo semestre", prevê. Sua aposta é de que, depois do aumento de amanhã, a

taxa fique estável até julho, quando passaria a cair.

Os analistas ouvidos pelo BC acreditam que a Selic fecha o ano em 17,5%. A crença do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco é de que a Selic deverá ser mantida no atual nível na reunião que acaba amanhã. O economista-chefe do banco, Octavio de Barros, aponta três aspectos de melhora no cenário externo que devem pesar na decisão: a redução de 7% nos preços das commodities (produtos cotados internacionalmente), a diminuição de 8% nas cotações do petróleo e o recuo da taxa de câmbio. "O risco de pressões inflacionárias por causa de um descasamento da demanda e oferta foi praticamente anulado com o aumento dos juros até o momento", assegura.

Para Barros, o câmbio sob con-

**O BC ESTÁ OLHANDO 2006. A SITUAÇÃO VAI MELHORAR A PARTIR DO SEGUNDO SEMESTRE**

Alexandre Lintz, economista-chefe do BNP Paribas

trole será "um importante aliado" na contenção da inflação por volta dos 6% neste ano e para garantir uma tendência de queda ao longo do ano que vem. De acordo com sua análise, o BC pode optar por estancar agora o movimento de alta dos juros para avaliar os efeitos dos aumentos já feitos, visto que há uma defasagem entre as ações de política monetária e seus resultados. Mesmo com fatores positivos no cenário externo e a avaliação de que os juros atuais já põem a inflação em trajetória de queda, Barros acredita que a deterioração das expectativas faz com que a probabilidade de alta da Selic em 0,25 ponto "não seja desprezível".

O economista Alex Agostini, da consultoria GRC Visão, acredita que a Selic vai ser fixada em 19,50%. "A

maioria das variáveis analisadas pelo Copom se deteriorou entre a reunião de março e o momento atual", avalia. As projeções dos analistas pioraram também em relação ao IPCA de curto prazo. Eles elevaram de 0,60% para 0,67% a previsão de abril e de 0,45% para 0,50% a de maio. Tanto Lintz como Barros atribuem a deterioração a fatores conjunturais, como a alta de preços de energia elétrica e transporte urbano, além do setor de alimentos. A previsão de crescimento dos preços administrados neste ano passou de 7,20% para 7,30%, a quinta semana consecutiva de alta.

O lado bom das previsões ficou para as estimativas sobre as contas externas, com a previsão de saldo da balança comercial passando de US\$ 31 bilhões para US\$ 33 bilhões, e o superávit nas transações correntes do Brasil com o exterior, de US\$ 5,02 bilhões para US\$ 6,73 bilhões. Em ambos os indicadores, foi a oitava semana consecutiva de aumento. Influenciado pela expectativa sobre a reunião do Copom, o dólar fechou ontem em baixa de 0,45%, cotado a R\$ 2,608, mínima do dia. A moeda acumula queda de 2,25% no mês e de 1,75% no ano.